

# RESENHAS

*REVIEWS*





## **OS JESUÍTAS NO JAPÃO (1549-1597): OS DESAFIOS DA MISSÃO NUMA SOCIEDADE LETRADA. POR MARLI DELMÔNICO DE ARAÚJO. (2020)<sup>1</sup>**

Resenha por Rômulo da Silva Ehalt<sup>2</sup>

Recentemente, a academia brasileira tem sido responsável pelo aparecimento de diversos bons trabalhos sobre a história dos portugueses no Oriente, seja na Índia, na China ou no Japão. Dadas as interseções com a história colonial brasileira, muitas obras se concentram no estudo das missões jesuítas na Ásia, com trabalhos de nível internacional que servem de inspiração para pesquisadores superarem as enormes dificuldades que se impõem à pesquisa história no Brasil. O livro de Marli Delmônico de Araújo Futata *Os Jesuítas no Japão (1549-1597): os desafios da missão numa sociedade letrada* (Curitiba: Editora CRV, 2020), infelizmente, fica muito aquém do que se espera da historiografia brasileira.

Baseado na tese de doutorado em educação “A Companhia de Jesus no Japão e a ação missionária e educacional na segunda metade do século XVI”, defendida na Universidade Estadual de Maringá em 2018, o livro visa preencher uma lacuna detectada pela autora na área de história da educação no Brasil. Publicado em versão impressa e digital, sua questão principal é entender quais foram as implicações que a cultura letrada japonesa teve sobre os esforços missionários jesuítas durante a segunda metade do século XVI. A obra começa com uma epígrafe que reproduz, sem contexto, o decreto de expulsão dos jesuítas editado por Toyotomi Hideyoshi em 24 de julho de 1587, traduzido para o português a partir de uma tradução inglesa do original e reescrito como um parágrafo único, modificando assim a estrutura original do documento de cinco artigos. A obra tem prefácio e prólogo de dois dos três professores da banca de qualificação de Futata: Flávio M. M. Ruckstadter e Oriomar Skalinski Junior. Na introdução, a autora sumariza as recentes pesquisas acadêmicas brasileiras sobre os jesuítas no



Japão, oferecendo ao leitor um panorama valioso sobre o desenvolvimento do campo no Brasil. Futata, contudo, se baseia inteiramente em fontes impressas, consultadas em bibliotecas do Rio de Janeiro—Biblioteca Nacional, Biblioteca da Marinha e Real Gabinete Português de Leitura—e Lisboa—bibliotecas do Centro de Humanidades (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa e da Fundação Oriente.

O livro perde por se concentrar quase que inteiramente no contexto histórico tanto da Companhia de Jesus quanto do Japão da segunda metade do século XVI, deixando de lado oportunidades importantes para desenvolver o seu próprio argumento. O primeiro capítulo revisa a relação entre a formação da ordem e a educação. No segundo capítulo, Futata apresenta um contexto geral do Japão neste período e a chegada do catolicismo ao arquipélago. O terceiro e último capítulo é dedicado a educação jesuíta no Japão em si, foco principal do livro. Segue-se uma conclusão, a lista de fontes e referências bibliográficas, sete apêndices—listas de períodos da história japonesa, chefes militares do Japão, fundadores da Companhia de Jesus, superiores gerais da ordem, chefes da missão no Japão, cronologia da vida de Luís Fróis e a missão japonesa, e um glossário de termos japoneses—e quatro anexos—mapa do Japão, mapa das construções cristãs no Japão, fotografia de um “livro de catequese”, e os fragmentos de um catecismo para japoneses.

A bibliografia utilizada pela autora é, no mínimo, confusa. Estão ali incluídos desde trabalhos acadêmicos mais recentes de estudiosos brasileiros e portugueses até livros já marcadamente ultrapassados, como o *Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII*, de José Yamashiro (1989). Tem-se, assim, uma abordagem eurocêntrica clássica, onde o arquipélago japonês é transformado exclusivamente em um palco de ação dos missionários, congelado em sua “tradição japonesa”, termo infeliz utilizado ao longo de todo o livro para descrever as modalidades de educação japonesa. O resultado é uma idealização a-histórica do Japão. Não há, por exemplo, uma



tentativa da autora de entender o contexto político ou socioeconômico do período, a despeito da riqueza de materiais hoje acessíveis em rede.

Das pouco mais de 100 páginas de texto, os anexos e apêndices somam 52 páginas. O volume exagerado de apêndices e anexos é, contudo, pouco relevante para o estudo em si. Listas como as apresentadas nos apêndices são facilmente encontradas em qualquer busca na internet, o que torna a sua inclusão em grande parte dispensável. Dos anexos, a fotografia erroneamente legendada “Livro de catequese em japonês do século XVI” trata-se na verdade da capa e primeira página do *Giya do Pekadoru*, tradução e adaptação da obra Guia do Pecador do dominicano Luís de Granada publicada em japonês pelos jesuítas em 1599. Por fim, o anexo “Fragmentos de um catecismo para os catecúmenos japoneses da segunda metade do século XVI elaborado pelo padre Luís Fróis” reproduz fotografias do apêndice do volume IV da *Historia de Japam* de Luís Fróis editada pelo jesuíta Josef Wicki e publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal entre 1976 e 1984.

Existem diversos equívocos no livro que demonstram a falta de cuidados adequados ou problemas editoriais. Erros de Yamashiro, por exemplo, são repetidos sem a devida crítica. Ao reproduzir trecho do livro do jornalista sobre a chegada dos portugueses ao Japão, Futata transcreve “25 de agosto do ano 12 da era Tenbun”, data equivalente a 23 de setembro de 1543 no calendário solar. O correto, no entanto, seria “25 da oitava lua do ano 12 da era Tenbun”, dado que não se usam os nomes dos meses solares para se referir aos meses lunares. Detectaram-se ainda diversos erros em referências a figuras históricas japonesas: Toyotomi Hideyoshi é descrito como “xogum”, e seu sobrenome vem grafado Toyotomo no terceiro capítulo. O *Bakufu* (xogunato) Tokugawa é referido como “dinastia”. O *daimyō* Ōtomo Yoshishige aparece na conclusão como “Otomo Yoshishiguê”. E o nome de Oda Nobunaga em japonês aparece como 小田 ao invés de 織田 em um dos apêndices. É louvável a tentativa da autora de registrar junto aos vocábulos japoneses a sua grafia original. Contudo, os numerosos desli-



zes prejudicam o valor da obra para estudiosos da área. Por exemplo, *iemoto seido*, como a autora escolhe se referir a uma das modalidades de ensino do Japão quinhentista, aparece acompanhado dos ideogramas 家元制, que romanizado transcreve-se *iemoto sei*. Ainda que o sentido seja essencialmente idêntico, tal tipo de lapso frequente deprecia o trabalho de Futata.

A transcrição de termos japoneses sofre também gravemente da falta de padronização. Ainda que a introdução diga que se optou por seguir o sistema de romanização Hepburn da língua japonesa, são incontáveis os exemplos de palavras romanizadas das mais diferentes formas. A vogal longa *ō*, por exemplo, aparece por vezes como *ou* (*daimyou*, ao invés de *daimyō*), *ô* (*Ômikami* por *Ōmikami*) ou é simplesmente ignorada (*Omura*, no lugar de *Ōmura*). Em alguns casos mais graves, nota-se o uso do sistema Hepburn apenas parcialmente em um mesmo vocábulo, como no caso de *Kanō-ryu* (a escola Kanō de pintura), que deveria ser grafado *Kanō-ryū*.

Em suma, o livro de Futata é uma oportunidade perdida. Lamentam-se profundamente o trabalho e dedicação da autora, mas o resultado é tão somente um resumo muito geral sobre a ação jesuíta no Japão da segunda metade do século XVI permeado por incontáveis erros que tornam difícil seu uso como fonte de referência tanto por interessados na história moderna da Companhia de Jesus quanto por especialistas de estudos japoneses. Ao invés do trabalho de Futata, recomenda-se a interessados no assunto a leitura das teses de doutorado de Jorge Leão (2017), Renata Bernabé (2018) ou Yuri Hichmeh (2018), defendidas em Niterói, São Paulo e Curitiba, respectivamente. Espera-se sinceramente que futuras pesquisas brasileiras foquem seus esforços mais na busca por novas fronteiras da área, explorando o potencial da academia nacional na investigação acadêmica e se aproveitando do amplo arcabouço historiográfico tanto de historiadores ocidentais quanto de japoneses.



## REFERÊNCIAS

BERNABÉ, Renata Cabral. **Fé e Prática entre os Kirishitan**: Jesuítas, franciscanos e as reações japonesas ao cristianismo. 2018. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. **O Domínio pelos Livros**: a formação da identidade japonesa como parte do processo de centralização política na era Tokugawa. 2018. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os Pregadores Japoneses**: Missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614. 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.



## NOTAS

1. FUTATA, Marli Delmônico de Araújo. **Os Jesuítas no Japão (1549-1597)**: os desafios da missão numa sociedade letrada. Curitiba: Editora CRV, 2020.
2. Bacharel e licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre e doutor pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Foi bolsista do Ministério da Educação do Japão e da Japan Society for the Promotion of Science (JSPS). Atualmente faz pesquisa de pós-doutorado na Universidade Sophia, Tóquio, como International Research Fellow da JSPS. E-mail: romuloehalt@gmail.com.

